

TELEMÓVEIS E PAIS PORTUGUESES: ANÁLISE DAS PREOCUPAÇÕES APONTADAS PELO EUROBARÓMETRO 248

Kárita Cristina Francisco
karitafrancisco@gmail.com

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa/ Centro de Investigação em
Media e Jornalismo (CIMJ)
Doutoranda em Ciências da Comunicação

Maria José Brites
mbrites@gmail.com

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa/ Centro de Investigação em
Media e Jornalismo (CIMJ)
Doutoranda em Ciências da Comunicação

Resumo

Face aos resultados apresentados pelo inquérito europeu: “Eurobarómetro 248: Rumo a uma utilização mais segura da Internet pelas crianças da União Europeia – a perspectiva dos pais” no que respeita a visão dos pais sobre o uso da internet e dos telemóveis pelos filhos, 75 pais de crianças entre os 6 e os 17 anos foram entrevistados em regiões distintas de Portugal. O objectivo foi verificar alguns dos resultados do inquérito e ao mesmo tempo captar a espontaneidade dos entrevistados, que geralmente perde-se nos inquéritos que seguem um modelo de perguntas fechadas, em especial, via telefone.

Palavras-chave: Eurobarómetro, pais, crianças, telemóveis, preocupações.

Resumen

Teniendo en cuenta los resultados presentados por la encuesta europea: Eurobarómetro 248 “Hacia un uso más seguro de Internet para los niños de la Unión Europea - perspectiva de los padres” sobre la visión de los padres sobre el uso de Internet y teléfonos móviles por sus hijos, los padres de 75 niños de entre 6 y 17 años fueron entrevistados en diferentes regiones de Portugal. El objetivo era verificar algunos de los resultados de la investigación y al mismo tiempo, capturar la espontaneidad de los entrevistados, que a menudo se pierde en las investigaciones que siguen un modelo de preguntas cerradas, en particular, a través del teléfono.

Palabras clave: Eurobarómetro, padres, niños, móviles, preocupaciones.

Abstract

According to the results presented by the European survey: “Eurobarometer 248: Towards a safer use of the Internet for children in the EU – a parents’ perspective” regarding parent’s view about their children’s use of the Internet and mobile phones, 75 parents of children between 6 and 17 years were interviewed in different regions of Portugal. The aim was to verify some of the results of the investigation and at the same time capturing the spontaneity of the interviewees, which often gets lost in the investigations that follow a model of closed questions, in particular, via telephone.

Keywords: Eurobarometer, parents, children, mobile, concerns.

1. Introdução

O risco que as crianças e os jovens estão sujeitos ao utilizarem a Internet e os telemóveis através do ponto de vista dos pais foi a temática avaliada pelo Eurobarómetro Flash nº 248 (*Para um uso seguro da Internet por parte das Crianças da EU – a Perspectiva dos Pais*). O inquérito europeu levantava várias questões referentes as preocupações dos pais referentes ao usos das novas tecnologias de informação, nomeadamente internet e telemóveis pelos filhos.

O Eurobarómetro 248 foi realizado com 500 pais portugueses de crianças e jovens entre os 6-17 anos em Portugal de 09/10/2008 a 17/10/2008, por meio de questionário fechado, em que pressupõe-se que as perguntas e a ordem das questões sejam cumpridas. Mediante os dados divulgados sentiu-se a necessidade de aprofundar nestes resultados, uma vez que colocava os pais portugueses entre os mais preocupados no que respeita aos riscos do uso da internet e dos telemóveis pelos filhos, como *bullying*, imagens pornográficas ou violentas, informações sobre auto-mutilação, suicídio, anorexia e aliciamento via internet.

Desta forma, decidiu-se realizar um estudo exploratório, conduzido no âmbito do programa de doutoramento, integrado no projecto *Eu Kids Online – Portugal*, e feito a partir do inquérito fechado do Eurobarómetro nº 248. O questionário fechado empregado no Eurobarómetro foi adaptado, transformado em aberto, a fim de perceber até que ponto as respostas seriam coincidentes. Nestas entrevistas presenciais, com garantia de anonimato dos entrevistados, havia a indicação para seguir as perguntas pré-estabelecidas, embora sem dar as respostas fechadas.

Foram realizadas 75 entrevistas nas regiões de Lisboa, Porto, Portalegre, Santarém, Idanha e Vila Real, que compreendem contextos urbano, suburbano e rural. Os dados obtidos com as entrevistas foram analisados quantitativamente pelo programa de análise de dados SPSS e também por uma análise qualitativa que resulta da observação das respostas em formato aberto. A amostra intencional foi escolhida com base em alguns elementos também expressos no Eurobarómetro, como o nível de instrução dos pais.

2. Pesquisas nacionais: contextualização da realidade

A vida das crianças de hoje em dia é permeada ou por vezes até mesmo definida pelos media modernos, como a TV, os jogos de computador, a internet, o telemóvel. As tecnologias digitais surgiram com um grande potencial para aumentar este contacto com os media, no entanto, de uma forma não disponível para todos os jovens (Buckingham, 2007). Por outro lado, observa-se uma lacuna geracional no uso dos media, que conduz a uma ruptura entre a cultura dos jovens e a cultura da geração dos pais. Muitos destes usos pelos jovens escapam ao conhecimento ou mesmo ao controlo dos pais, como no caso dos telemóveis. (Buckingham, 2000).

Pesquisas em diversos países apontam essa diferença no conhecimento e na utilização dos telemóveis e de outras novas tecnologias pelas crianças e jovens e seus pais. Vershinskaya (2002:144) observa em suas pesquisas que os pais utilizam os telemóveis muito menos activamente que seus filhos e que, em muitos casos, são os próprios filhos que os ensinam a manusear os telemóveis.

Segundo o Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias (INE de Fevereiro de 2009) de 2005 a 2008 aumentou a proporção de utilizadores de computador e de Internet (de 73,5% para 92,7%) entre a população dos 10 aos 15 anos. Nesta mesma faixa etária, houve uma intensificação do uso do telemóvel entre 2007 e 2008 (de 73,3% para 84,6%).

Num outro estudo realizado em Portugal para a Entidade Reguladora da Comunicação (ERC) com crianças dos 9 aos 17 anos verificou-se um uso considerável de

telemóveis e ainda um grande uso dos media em espaços bastante privados, nomeadamente nos quartos. «Nas descrições feitas pelas crianças, os seus quartos de dormir aparecem como espaços muito mais bem equipados do que o resto da casa, com novos recursos tecnológicos e de vanguarda. O que traduz um forte investimento, por parte das famílias, na relação das crianças com a tecnologia» (ERC, 2008:159).

O telemóvel aparece no estudo como o segundo meio tecnológico mais transversalmente presente e entre os jovens dos 15 aos 17 anos observa-se uma grande preferência aos media que proporcionam mobilidade e mais de 25% deles possuem telemóvel com acesso à Internet, muito próximo do tecto atingindo pela geração seguinte (ERC, 2008:188).

O estudo da ERC também verificou as maiores preocupações dos pais no que respeita ao uso dos media pelos filhos. Foram identificadas três grandes preocupações: a segurança física – apontando para o espaço exterior ao lar como ameaçador (mais de 80% dos pais descreveram essa preocupação); para 50-70% dos pais a preocupação incide no próprio lar, com aquilo que conecta a criança com o mundo “lá fora” e com a capacitação/socialização da criança; e por último, as perspectivas profissionais, mais expressa pelos pais dos jovens que estão no ensino secundário.

Contudo, ao longo de todo o estudo existe um contra-senso nas respostas dos pais ao que acreditam que sejam os usos dos media pelos filhos e o que de facto essas crianças e jovens realmente fazem com seus aparelhos. Um exemplo é o envio de SMS/MMS, em que apenas 34,7% dos pais acreditam que os filhos utilizem essa função de seus telemóveis, enquanto que 59,5% dos filhos relatam o envio de SMS/MMS como uma actividade muito frequente (ERC, 2008:151).

Em Portugal, o nível ainda persistente de iletrados explica os baixos níveis de consumo cultural, que consequentemente, reflecte parcialmente na baixa penetração da Internet e a recusa de muitos adultos em utilizá-la, especialmente entre os adultos com baixo índice educacional ou mais velhos, o que ilustra uma lacuna geracional no uso das TICs na sociedade portuguesa. (Cardoso *et al.*, 2005 in Hasebrink, 2007:75).

Em Portugal também há estudos que apontam que as mães são menos utilizadoras da Internet (ERC, 2008: 138) apesar das mudanças que têm ocorrido como o crescente papel da mulher no mercado de trabalho, a mulher/mãe continua relacionada ao espaço doméstico e as habilidades tecnológicas assim como o nível educacional é maior entre os homens/pais.

O baixo nível de literacia e de orientação dos pais para as crianças e jovens pode estar estreitamente relacionado com o baixo nível de literacia e de escolaridade. De acordo com o Eurobarómetro 2006 a maioria dos adultos portugueses com crianças e usuários de Internet se consideravam nos mais baixos níveis de competências, como iniciantes ou um nível acima (Hasebrink, 2007:82)

3. Análise

3. 1. Eurobarómetro 248: considerações gerais sobre telemóveis e riscos

De acordo com o Eurobarómetro 248 quase dois terços dos pais europeus respondentes afirmaram que seus filhos tinham um telemóvel, número maior se comparado o Eurobarómetro de 2005/2006, em que 48% das crianças e jovens dos 6 aos 17 anos possuíam um aparelho. Ainda neste contexto mais amplo, o uso dos telemóveis aumentou com a idade: aproximadamente todo os pais de jovens dos 15 aos 17 anos que responderam ao questionário disseram que os filhos possuíam um telemóvel e neste grupo a posse de telemóvel era mais comum que a da Internet (Eurobarómetro, 2008:7).

O maior risco no ponto de vista dos pais era que seus filhos pudessem ver imagens explícitas de sexo ou violência pela internet. Em termos de contactos inapropriados, os

pais estavam preocupados que seus filhos pudessem sofrer *bullying* ou serem aliciados através da Internet; outra preocupação é que seus filhos fossem alvo de *bullying* pela internet ou pelo telemóvel.

Os pais demonstravam estar menos preocupados que seus filhos revelassem informação pessoal ao utilizar a internet: somente um quarto dos pais exteriorizou esta preocupação.

Os pais em França, Espanha, Portugal e Grécia estavam muito preocupados que os filhos pudessem ver conteúdo inapropriado, ter contactos com alguém com intenções de *bullying* ou de aliciamento, ou que revelassem informação pessoal.

Os pais que não usavam a Internet mas que afirmaram que seus filhos usavam eram aqueles que mais frequentemente respondiam “muito preocupados” a respeito dos riscos encontrados pelos filhos ao utilizar a internet e os telemóveis.

Também os pais de crianças dos 6 aos 10 anos ou dos 11 aos 14 anos foram aqueles que mais frequentemente se disseram “muito preocupados” com os riscos que os filhos enfrentam ao utilizar a internet e os telemóveis.

Se considerarmos especificamente os dados de Portugal na posse de telemóveis das crianças e jovens, tem-se: 50% dos pais afirmaram que seus filhos possuem telemóveis sem acesso à internet; 8% têm filhos com telemóveis com acesso à internet; 2% dos pais não sabem se os telemóveis dos filhos têm acesso à Internet e 39% dos pais afirmam que os filhos não têm telemóveis.

No que respeita as preocupações e consciência parental sobre os riscos online, Portugal aparece em 2º lugar (atrás apenas de França) como os pais mais preocupados no que se refere a possibilidade de a criança ver imagens explícitas de violência ou de cariz sexual na Internet - 65% dos pais portugueses consideram-se muito preocupados com essa possibilidade; assim como 75% dos pais portugueses afirmam estar muito preocupados com a possibilidade dos filhos serem aliciados online; outros 57% dos pais preocupam-se muito com a possibilidade dos filhos acederem a informação sobre auto-mutilação, suicídio e anorexia, tanto pela Internet como pelos telemóveis.

Em outras três categorias Portugal aparece em 3º lugar como os pais mais preocupados, nomeadamente: 55% dos pais afirmam estar bastante preocupados que a criança possa ver imagens explícitas de violência ou de cariz sexual no telemóvel; e ainda que os filhos possam sofrer *bullying* online por outras crianças, especificamente 57% ou que possam sofrer *bullying* via telemóvel, estes pais somando 53%.

3.2 Entrevistas face-a-face

Nas entrevistas face a face realizadas em diversas localidades de Portugal algumas preocupações diferentes foram apontadas pelos pais e que não correspondem totalmente àquelas apresentadas pelo Eurobarómetro. Ainda, vale ressaltar a diferença nos índices de preocupação obtidos através das entrevistas: um número bastante inferior que aqueles registados pelo inquérito europeu.

3.2.1 Padrões: Internet como espaço de risco vs telemóvel como objecto *friendly*

A leitura das respostas à pergunta “O que mais o preocupa quando a criança está a usar a Internet ou um telemóvel?” permite encontrar alguns padrões transversais nas respostas. Os pais associam o risco à Internet e não ao telemóvel. A preocupação existiria caso os filhos utilizassem a Internet pelo telemóvel, mas como grande parte não o faz, não há preocupação. Como nestes exemplos:

“Com o telemóvel não me preocupo porque ela não usa a internet lá” (30-39 anos, ensino secundário, pai de uma rapariga de 13 anos e que usa a Internet todos os dias)

“Ela não usa a internet do telemóvel, apenas no computador.” (40-49 anos, ensino superior, mãe de uma rapariga de 10 anos e que usa a Internet várias vezes por dia).

“O telemóvel não porque ele não vai ter Internet no telemóvel, em casa o que mais me preocupa é as conversas, os chats.” (40-49 anos, ensino secundário, mãe de um rapaz de 11 anos e que usa a Internet várias vezes por dia).

Anne Martensen (2007: 109) anota que o telemóvel está muito ligado aos ímpetus consumistas das crianças e dos jovens e recorda que há estudos que evidenciam que entre esta população o telemóvel não costuma ser associado a uma fonte de perigo. Este objecto é mais um que permite a comunicação entre amigos e também com familiares, como os pais e os avós. O telemóvel é também um objecto de reconhecimento social e de integração entre os amigos e grupos. O telemóvel é, frequentemente, considerado um meio de segurança (2007: 109), pois permite aos pais saberem onde os filhos estão e como estão.

3.2.2 Pais: os preocupados e os despreocupados

Para além destes padrões gerais assinalados, é possível encontrar dois grandes grupos de “pais”, os que se preocupam com os usos que os filhos fazem da Internet (especialmente com desconhecidos e pedófilos) e os que não têm qualquer tipo de apreensão, *pelo menos para já*. Este é um elemento importante para os pais que ainda estão descansados, porque são pais de crianças mais pequenas.

3.2.2.1. Os despreocupados por agora:

Se olharmos com mais pormenor para os discursos, verificamos que há referências que têm que ver com a idade das crianças. *“Até ao momento”, “para já”, “neste momento”, “ainda”* dão-nos a indicação de um tempo actual. Para já é assim, mas isso não significa que com o crescimento das crianças o discurso não mude:

“... Bem, o telemóvel se calhar é prematuro, mas como deve calcular nesta sociedade, os amigos todos..., e no colégio dele têm todos telemóvel desde há muitos anos, desde muito miúdos, e é uma coisa que eu fui preterindo, mas chegou à altura de eu achar que não poderia resistir mais e achei que lho devia dar.

Por essa razão, às vezes é pertinente contactá-lo, mas chegarei agora à agradável ou desagradável surpresa de que ele não liga a mínima ao telemóvel. Tem o telemóvel desligado, semanas. Às vezes, tanto que os avós e a família por vezes mandam-lhe mensagens e perguntam por ele, e ele não está no telemóvel. Portanto, quanto ao telemóvel não tenho grandes receios.” (30-39 anos, profissional liberal, ensino superior, mãe de um rapaz de 11 anos e que acede à Internet várias vezes por dia).

3.2.2.2. Os totalmente despreocupados

Alguns pais deixam bastante explícita a não preocupação quanto ao uso do telemóvel:

“Em termos de telemóvel, para já não me preocupa nada. Ele está limitado. Só pode fazer chamadas para três pessoas: para a mãe, para mim e para os avós” (30-39 anos, ensino secundário, pai de um rapaz de 7 anos e que usa a Internet todos os dias).

“O telemóvel não está bloqueado e ele usa mais para mensagens, não liga muito ainda é mais para falar com a família.” (40-49 anos, ensino básico, pai de um rapaz de 11 anos, usa a Internet várias vezes por dia).

“O telemóvel ele só usa para falar com a avó. Ainda não liga ao telefone.” (30-39 anos, ensino básico, pai de um rapaz de 8 anos e que usa a internet várias vezes por dia).

“... o telemóvel acho que ela usa mesmo só para falar e mandar mensagens aos amigos, aliás eu até lho tiro quando ela chega a casa, senão passa o dia todo a mandar mensagens.” (40-49 anos, ensino básico, mãe de uma rapariga de 13 anos e acede à Internet uma vez por semana).

“...o telefone também é só para falar com colegas, e as mensagens também.” (50-59 anos, ensino básico, pai de um rapaz de 13 anos e o pai não usa a internet).

Uma outra mãe diz não se preocupar com o telemóvel apesar da filha já ter sido vítima de propaganda enganosa e ter perdido certo dinheiro por ter aderido a um pacote comercial para ter uma música que gostava. Somente durante a fiscalização a mãe percebeu que os créditos estavam a desaparecer e questionou a filha a respeito. A criança contou-lhe o que se passou e a mãe cancelou o pacote.

“Com o telemóvel, não me preocupo, porque não costuma falar, nem mesmo com amigos. Ela tem o TAG, nós todos temos, e ela tem 40 euros, estou sempre de olho no dinheiro. Quanto ao telemóvel, ela quando está na escola, nas aulas, tem sempre o telemóvel no silêncio e, depois, não me parece. Sempre estou a fiscalizar [ri-se]... Não.

A única asneira que ela fez foi com aquela publicidade na televisão do ursinho... aquela publicidade do Jamba... tinha a musiquinha e ela aderiu. Só que ela pensava que era só a música, mas uma vez que adere, nem tenho a certeza, mas julgo que era diária,... na fiscalização foi apanhada. Lembro-me que ela nessa altura devia ter 17 euros e tinha 3.

Ela disse: “Mãe, não ando a ligar para ninguém” e eu: “Ana¹!”... Começou logo a chorar. Eu disse: “Diz à mãe o que se passa, se não disseres não te podemos ajudar”. Ela lá disse a chorar: “Aderi ao Jamba para ficar com uma música do ursinho e agora não... porque o dinheiro desaparece...”. Claro, eu estive a ligar para o Jamba e dei-lhes uma descompostura, é uma publicidade enganosa.

Eu disse: “Ana, estás a ver, qualquer coisa que aconteça diz à mãe e ao pai, nós não te vamos bater. Se não íamos ver o dinheiro que tinhas, arranjavas cá um problema...” e ela disse: “Eu sei...”. E acho que ela aprendeu a lição.” (30-39 anos, ensino básico, mãe de uma rapariga de 11 anos e acede à Internet várias vezes por semana).

3.2.2.3. Os preocupados

a) Falar com estranhos

O medo do desconhecido, com quem e o quê está fora do espaço privado da casa é um foco saliente para os pais. O elemento confiança é importante no estabelecimento de relações sociais, neste caso, o desconhecido, o “bandido”, qualificativos que se referem

¹ Nome fictício

implicitamente a pessoas, normalmente identificadas no masculino e de forma impessoal, ficam arrumados naqueles grupos simbólicos de carga negativa. “Os termos mais genéricos, a impersonalização pode [...] acrescentar conotações negativas ou positivas a uma actividade ou actor social” (van Leeuwen, 1997: 210).

Para muitos pais a maior preocupação é que algum estranho possa falar com os filhos, mais que os filhos falarem com estranhos. O discurso é do filho como vítima e um invasor a tentar manter contacto com eles. Outra observação é que a preocupação de falar com estranhos via telemóvel em raríssimos casos foi exposta pelos pais e maior preocupação, sem dúvida, é o contacto com estranhos via internet.

“...Fico preocupado que estranhos falem com ele, isso fico. Mas já o avisei dessas coisas e ele sabe que não se deve.” (50-59 anos, ensino básico, pai de uma rapariga de 12 anos, que acede à Internet várias vezes por mês).

“O que me preocupa mesmo são os estranhos, de resto ele sabe resolver tudo”.(30-39 anos, ensino secundário, mãe de um rapaz de 14 anos e acede à Internet todos os dias).

“Eu gosto mais que ela, em princípio, esteja mais na Internet do que no telemóvel. O telemóvel é só mensagens, só mensagens e a Internet a minha esposa diz que praticamente são só as coisas da escola. Preocupa-me que ela envia mensagens sei lá bem para quem. É como lhe digo, na Internet sei que está mais nos estudos, mas o telemóvel leva-o para a cama e, às vezes, à 1 ou 2 da manhã ainda está naquilo, a enviar mensagens”. (40-49 anos, ensino básico, pai de uma rapariga de 13 anos e que acede à internet todos os dias).

“ O que lhe hei-de responder? Ele é muito controlado com o telemóvel. Na escola não pode utilizar. Em casa é só para contactar os amigos. O que me preocupa é que ele faça chamadas e que o identifique... Tenho medo que ele dê o contacto a alguém que possa vir a prejudicar moralmente e fisicamente. É o que mais me preocupa. Dou-lhe uma mesada de €5/ mês para carregar”.(50-59 anos, ensino básico, pai de um rapaz de 8 anos e não usa a internet).

“Não saber quem está do outro lado é o que mais me preocupa...” (40-49 anos, ensino secundário, pai de um rapaz de 16 anos e não usa a Internet).

b) Falta de controlo sobre os filhos

Nem sempre o telemóvel traz consigo o conceito de um meio de utilização segura. Uma das manifestações realmente claras de pais que consideram que o telemóvel oferece mais riscos que a Internet é de um entrevistado morador de uma área suburbana, com uma filha de 13 anos. O pai está certo, de acordo com as informações que a mulher lhe transmite, que a Internet é mais usada pelas filhas para fazerem os trabalhos de casa. Desta forma, a Internet, para o pai, não representa risco, mas sim o telemóvel, pois o uso do aparelho não é controlado pela mulher.

“Eu gosto mais que ela, em princípio, esteja mais na Internet do que no telemóvel. O telemóvel é só mensagens, só mensagens e a Internet a minha esposa diz que praticamente são só as coisas da escola. Preocupa-me que ela envia mensagens sei lá bem para quem. É como lhe digo, na Internet sei que está mais nos estudos, mas o telemóvel leva-o para a cama e, às vezes, à 1 ou 2 da manhã ainda está naquilo, a enviar

mensagens” (40-49 anos, ensino básico, pai de uma rapariga de 13 anos, acede à Internet todos os dias).

Outra forma de não exercer o controlo sobre os filhos e considera uma afronta por alguns pais são as mensagens de texto, os SMS, nomeadamente pela forma como são escritos, considerada pobre por alguns e alienadora por outros. Também observa-se em um dos exemplos que o incómodo do pai está justamente na falta de controlo sobre essas mensagens de texto, o que pode ser causado por uma falta de domínio sobre o tema.

“... Quanto ao telemóvel são as mensagens escritas”.(30-39 anos, ensino básico, pai de um rapaz de 9 anos e que acede à Internet várias vezes por dia).

“Tem telemóvel para mal dos meus pecados...O telemóvel é a escrita, os erros de escrita que são uma forma de comunicação nestas idades, cheias de abreviaturas que depois não sabem escrever e (silêncio) ainda o telemóvel as mensagens apagadas. Aquelas que eu não consigo controlar...”(30-39 anos, ensino superior, mãe de uma rapariga de 10 anos e acede à Internet várias vezes por dia).

c) Gastos

Muitos pais também demonstram nítida preocupação com o dinheiro gasto em créditos para os telemóveis. Enquanto que a conexão à Internet paga-se mensalmente e geralmente faz parte de algum pacote como o da TV a cabo, o que geralmente é responsabilidade dos pais e tem um custo fixo, o telemóvel permite aos adolescentes colocarem crédito conforme necessitem. Esta autonomia de inserir os créditos faz com o que os pais não tenham controlo sobre os gastos da criança/adolescente, o que gera angústia e preocupação em muitos deles.

“ Bem, eu preocupo-me quando ele está a usar o telemóvel, a Internet eu sei que o acompanho, o telemóvel já não... No telemóvel preocupa-me o dinheiro ...”(30-39 anos, ensino básico, pai de um rapaz de 10 anos e acede à Internet com pouca frequência).

“No telemóvel é o dinheiro que ela gasta. Na Internet não sei...”(40-49 anos, ensino básico, pai de uma rapariga de 16 anos e que acede à Internet menos vezes).

d) Bullying

Quanto ao *bullying* uma das mães entrevistadas disse que conhecia casos de *bullying* e que o próprio filho era contra esse comportamento. Uma outra mãe afirma que o filho já foi vítima de *bullying*:

“...Do telemóvel, às vezes essas brincadeiras que fazem do bullying, ele critica mesmo quem faz....Conheço casos, aqui mesmo...” (30-39 anos, ensino secundário, mãe de um rapaz de 16 anos e usa a Internet várias vezes por dia).

“Sim, porque meu filho infelizmente já o sentiu na pele...” (40-49 anos, ensino básico, mãe de um rapaz de 17 anos, usa a Internet uma vez por semana).

Livingstone e Hardgrave (2006: 61) alertam para o facto de a Internet e as comunicações

móveis, como o telemóvel, estarem a ser incorporadas nas práticas de *bullying*, assédio e outras formas de comunicação maliciosa entre pares. Mas também se questionam se serão estas tecnologias as responsáveis por um aumento de casos. “Dada a dificuldade dos pais em compreender as condições de acesso a estas formas de conteúdo e contacto, as implicações para a regulação deveriam resultar de uma responsabilidade da indústria, dos reguladores, dos pais e das crianças no controlo do acesso e exposição” (2006: 62).

3.3 Comparações de resultados: Eurobarómetro e entrevistas

Algumas diferenças puderam ser verificadas nos resultados, desde a posse até as preocupações dos pais.

Para Portugal, o Eurobarómetro aponta uma posse de telemóveis pelas crianças e adolescentes na franja etária pesquisada (6 aos 17 anos) de 60%. Nas entrevistas realizadas face a face pela equipa de pesquisadoras portuguesa a posse de telemóveis foi um pouco maior, 73%.

Apesar da posse ter sido maior nas entrevistas face a face, o grau de preocupação dos pais referentes ao uso dos telemóveis pelos filhos foi menor em todos os aspectos.

Enquanto nas questões referentes aos telemóveis e a preocupação dos pais no Eurobarómetro apontavam para altos índices de preocupação, nas entrevistas da equipa nacional esses números não ultrapassavam os 5%. Como exemplo temos:

- de acordo com o Eurobarómetro, 81% dos pais portugueses se dizem preocupados com a possibilidade dos filhos acederem a informação sobre auto-mutilação, suicídio e anorexia, tanto pela Internet como pelos telemóveis. Na pesquisa nacional essas preocupações não foram referidas pelos pais.

- o Eurobarómetro apresenta 74% dos pais como preocupados que a criança possa ver imagens explícitas de violência ou de cariz sexual no telemóvel; já na pesquisa nacional estes itens não foram mencionados.

- também a pesquisa europeia apresenta 75% dos pais portugueses como preocupados com a possibilidade dos filhos sofrerem *bullying* via telemóvel. Em nossas entrevistas, apenas uma mãe mencionou que o filho critica essas brincadeiras de *bullying* via telemóvel, pois conheceu alguém que passou por essa situação.

Contudo, na pesquisa nacional, alguns pais de facto se referiram a preocupação que seus filhos tenham contacto com estranhos através do telemóvel, mas esta opção não foi apresentada no Eurobarómetro. Ainda foram referidas nas entrevistas face a face a preocupação dos pais com o não controlo que existe no uso dos telemóveis pelas crianças e jovens, como por exemplo, com quem estão a falar, o que estão e de que forma estão a escrever as mensagens de texto e os gastos que têm.

4. Conclusões

O telemóvel não suscita as preocupações que a Internet pressupõe para os pais entrevistados. O telemóvel é um objecto muito visível, está associado a um determinado estatuto (é um facto que muitas crianças e jovens de meios mais desfavorecidos e com carências de diversos níveis, possuem telemóvel, e fazem por os ter). Assim, se há uns

anos era pouco frequente as crianças terem um telemóvel próprio, hoje já não é assim, como indica os dados do INE. Por isso mesmo, a decisão de dar um telemóvel a uma criança é uma questão que se coloca bastante cedo, até porque já é um assunto de inclusão social.

As representações encontradas neste estudo sobre telemóveis não podem ser consideradas transversalmente negativas, muito menos se as compararmos com os adjectivos colocados em relação à Internet. O uso dos telemóveis não constitui motivo que grandes preocupações. O telemóvel aparentemente é um objecto seguro.

O telemóvel para além de ser um objecto de inclusão social é também um objecto *friendly* no seio da própria família, já faz parte dos objectos habituais de uma casa. Serve para cimentar e promover identificações relacionais. “A identificação relacional representa os actores sociais em termos da relação pessoal, de parentesco ou de trabalho que têm entre si, e realiza-se através de um conjunto fechado de substantivos” (van Leeuwen, 1997: 2004), como seja amigo, tio, colega, família, avó, o filho/irmão mais velho ou primo. Este tipo de relações é de inclusão.

Apesar dos pais entrevistados manifestarem preocupações pela segurança dos filhos pelo uso dos telemóveis, esses níveis de preocupação estão marcadamente distantes dos níveis de preocupação tão elevados identificados pelo Eurobarómetro. A análise qualitativa dá conta de percentagens de preocupação muito mais baixas.

Será que o questionário presencial pode inibir respostas falseadas, mas que aparentemente são mais politicamente correctas? Ainda, será que o questionário fechado não teria facilitado as respostas dos pais, tendo em vista os critérios tão presentes nos media (violência, contactos com estranhos, pedofilia, pornografia) aliados ao já estabelecido modelo de como ser um bom pai na sociedade tecnológica e a quais aspectos os pais devem estar atentos de modo que, ao serem indagados com questões abertas depararam-se com uma falta de elementos, traduzida como não preocupações? Seguindo a mesma linha, essa falta de preocupação também pode ser considerada um indicativo de baixa literacia desses pais? Se pensarmos na literacia como relacionada a escolaridade apresentada ou mesmo na falta de domínio/conhecimento destes pais no manuseio desta tecnologia - no caso, o telemóvel - e de todas suas funcionalidades, não seria esperado esta não preocupação? Uma vez que quanto menos se conhece das funcionalidades, maior a ilusão de que não há muito que pode ser feito através do aparelho, e conseqüentemente, menos riscos e menos preocupação?

Relativamente aos pais que não têm preocupações, é interessante verificar que muitos mas não somente têm filhos mais pequenos, entre os 6 e os 9 anos de idade. Têm o discurso da inocência da infância (“*Até ao momento*”, “*para já*”, “*neste momento*”, “*ainda*”) em contraposição ao que poderá acontecer na fase da juventude, por norma mais ligada ao risco e às descobertas.

Independentemente da questão dos riscos, o telemóvel apresentou-se como bem integrado no espaço afectivo familiar e, nas respostas dos pais entrevistados, serve para pôr os filhos em contacto com familiares mais chegados, sendo encarado como um objecto de integração social.

Referencias bibliográficas

- BUCKINGHAM, D. (2000) *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of Electronic Media*. Cambridge: Polity Press.
- BUCKINGHAM, D. (2007) *Beyond Technology: Children's Learning in the Age of Digital Media*. Cambridge: Polity Press.
- CARLSSON, Ulla (2006). «Violence and Pornography in the Media. Public Views on the Influence Media Violence and Pornography Exert on Young People». In *In The Service of Young People? – Yearbook 2005/2006*, ed. Ulla Carlsson e Cecilia von Feilitzen, Gotemburgo, Nordicom.
- ERC (2008). *Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social (versão pdf)*. Lisboa, Entidade Reguladora da Comunicação Social.
- Eurobarómetro nº 248 (2008) - *Towards a safer use of the Internet for children in the EU – a parents' perspective*.
- HASEBRINK, Uwe et al (2007). *Comparing Children's Online activities and Risks across Europe. Relatório preliminar do projecto Eu Kids Online*.
- INE (2009). *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias: Indivíduos dos 10 aos 15 anos*. Lisboa, Portugal.
- LING, Rich (2000): "The adoption of mobile telephony among Norwegian teens". Telenor R&D.
- LIVINGSTONE, Sonia e HARDGRAVE, Andrea Millwood (2006). *Harmful to Children? – Yearbook 2005/2006*, ed. Ulla Carlsson e Cecilia von Feilitzen, Gotemburgo, Nordicom.
- LOBE, B., LIVINGSTONE, S., OLAFSSON, K. e SIMOES, J.A. (2008). *Best Practice Research Guide: How to research children and online technologies in comparative perspective*. Londres, EU Kids Online.
- MARTENSEN, Anne (2007). «Mobile Phones and Tweens' Needs, Motivations and Values. Segmentation Based on Means-end Chains.» In *Children, Media and Consumption – Yearbook 2007*, ed. Karin M. Ekstrom e Brigitte Tufte, Gotemburgo, Nordicom.
- VAN LEEUVEN, Theo (1997). «A representação dos actores sociais». In *Análise Crítica do Discurso org. Emília Ribeiro Pedro*. Lisboa, Caminho.
- VERSHINSKAYA, Olga (2002). *Mobile Communication. Use of Mobile Phones as a Social Phenomenon - The Russian Experience*.